

QUARTA-FEIRA
Lisboa--18 de Fevereiro de 1931

5 TOSTÕES

5.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

2.48



sempre
fixe semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

NO SÃO LUIZ



O CAMINHO DO PARAISO

fantasia musical, cantada e falada em francez, por
Lilian Harvey e Henry Garat



Os ditos da semana



Cinsas Por este ano estamos livres do Carnaval. Foi como nós já tínhamos previsto e ainda bem, porque essa é a nossa consolação.

O Carnaval não é como o calor de verão, e as flores da primavera, que chegam na sua época e fazem a sua festa, sem a gente ter de mover uma palha. O Carnaval, apesar de vir na folhinha, precisa que o façam, de contrario é um dia como os mais, tão certo é que to'os nós andamos mascarados neste mundo. O leitor já pensou alguma vez no ridiculo que encerra o simples facto de pôr um chapéu de côco na cabeça, uma gravata ao pescoço, um monocuto no olho? E isto é para não falar das mulheres, que, quanto mais elegantes e mais na ultima moda se apresentam, mais comicas se tornam. É este o permanente Carnaval da vida, que está sempre debaixo dos nossos olhos sem que ninguém dê por ele!...

Mas quando um dia chega o sabado gordo, ficamos todos á espera que a alegria saia para a rua, nos enfie o braço e nos desafie para o pagode.

O leitor já viu o comercio, que era quem mais tinha a lucrar com estas frescatas, tomar a iniciativa de organizar um corso, de atrair gente, de convidar os que tem dinheiro a gastá-lo? Isso sim. O comercio põe-se ao baleão á espera que lhe entre o Carnaval pela porta dentro. Mas o Carnaval não lhe aparece e o comercio fecha a porta e vai para casa com cara de quarta-feira de cinsas, para a tornar a abrir e encontrar o cofre com cara de sexta-feira de paixã. Pudera. O Carnaval não se faz por si.

Um absurdo Miss França, eleita miss Europa, foi a breve trecho apiada do seu trono.

Porquê? Porque não era a mais bonita? Não. Por motivos absolutamente estranhos a sua beleza. Porque, segundo se lê nas entrelinhas dos jornais, não tinha um predicado indispensavel. O pecado que a condenou não estava na linha do seu corpo, mas talvez na sua linha moral. Mas então tratava-se dum concurso de beleza ou dum concurso para entrar no Flos Sancto rum?

A aceitar-se como boa esta doutrina, onde nos levaria ela?... Demonstramos por absurdo.

Imaginemos que se realizava em Portugal um concurso de poetas e que a ele concorria o poeta Sevilha, que é, sem iavor, o primeiro poeta portuguez contemporaneo. (Dizemos contemporaneo, porque não desejamos meter Camões em questões.) Reunia-se o juri e classificava-o em primeiro lugar, como era de justiça. Mas o poeta aparecia e, reconhecendo-se que, sob o ponto de vista de beleza de homem, não era positivamente um Adonis, dava-se o dito por não dito.

Haveria alguém que não se indignasse com o facto? E todos perguntariamos:

—Mas então isto era um concurso de beleza ou um concurso de poetas?...

Coisas do nosso tempo

Anda agora muito em moda o desfalque sinho bancario. Sinal dos tempos. Depois da guerra creou-se uma ancia de prazer que entra até pelas casas fortes e pelas «burras» alheias.

A um amigo nosso aconteceu exactamente o mesmo. Teve durante um ano vinte e quatro creadas, algumas das quais não lhe pararam em casa, mais de dois ou trez dias. Uma por isto, outra por aquilo, iam-se despedindo ou iam sendo postas na rua. No fim dum ano deste fadario o nosso amigo lembrou-se de dar balanço ás pratas. Tinha desaparecido tudo. Parece mes-

mo que as ultimas vinte creadas já não encontraram nada que roubar. Se ele se tem lembrado mais cedo do balanço, talvez que nem ele, nem as ultimas creadas tivessem tido um prejuizo tão grande.

O bom filho.. Na cadeia de Mertola, apresentou-se voluntariamente um preso que dias antes de lá se tinha evadido. Causou certa admiração, não que ele tivesse fugido, mas que se tornasse a entregar á prisão.

Faz tanto frio cá por fóra, são tão duras as pedras das calçadas, tão duro e tão negro o pão que o diabo amassou, e tão caros os aliaiates, que ninguém pode desprezar casa, cama, mesa e roupa lavada.

Mas é a prisão, dirão os filosofos anciosos de liberdade. Pois é. Mas a miseria tambem é uma grilheta insuportavel.

O bom filho á casa torna.

ALTO!...



Pequenos incidentes da circulação.

O acento Em Hollywood é grande moda rapar inteiramente as sobrelhas e desenhá-las depois a carvão, em forma de acento circunflexo.

Ha quem se indigne com a moda, quem a ache estúpida e dum exotismo que excede todas as marcas. Nós, porém, concordamos inteiramente com ela, aplaudindo com certo entusiasmo o acento circunflexo. Sempre é assento. E não nos venham depois dizer que as mulheres não tem assento nenhum.

fixe

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguezas...	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeiro.....	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Anuncios Isto, agora, é por tabela.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

Realizou-se ontem, em local ignorado, um baile de mascaras, em que tomaram parte todos os artistas ds teatros de Lisboa, alguns criticos, officiais e na disponibilidade; emprezarios milicianos e sem ser milicianos, chefes de claque, contratadores e todos os etceteras que fazem parte da mui nobre familia dramatica.

Carlos Leal foi o mestre de sala. Estava irreconhecivel.

Dançou-se animadamente até de madrugada a «Lavadeira de Caneças», motivo porque, em familia, se lavou a roupa suja. Os comentarios, vivos e ferozes, trocavam-se entre as mascaras, munidas de lança-perfumes, bastante sulfidricos, corôas de papelão e palmas da claque.

CARLOS LEAL, de Zé Povinho, com o «Girasol» ao peito: — Que tal vai isso?

ERICO BRAGA, de «Girasol» com o Zé Povinho ao peito. — Vai bem. Manda lá para o jornal mais cartas, que eu publico-te o retrato todas as semanas, sentado numa cadeirinha como um menino de castigo!

CARLOS LEAL: — «Beatrice l'Intangible»!

ERICO BRAGA: — Em ti é que se não pode tocar! Tens a epiderme duma sensitiva!

CHABY PINHEIRO, vestido com a pele do «Leão da Estrela» e bocejando: — Isto faz tédio!

JESUINA CHABY, indumentada de leão domestica: — Estás sempre a abrir a boca!

JOAQUIM ALMADA, que tem o relógio atrazado depois do «Homem das cinco horas»: — Também acho!

RICARDO COVOES, com um rico traje de Nero: — Vou dar um grande tiro! Vou contratar a companhia do Variedades para o Coliseu!

ARTUR EMAUZ, com trajo de luces, todo salero: — Deixa-me comer o Pato á vontade... «por causa das moscas»...

PALMIRA BASTOS, de menina e moça: — Em vista do exito do «Visconde em Bolandas», vamos levar á scena mais três peças do mesmo genero!

NASCIMENTO DOS SANTOS, de joven emprezario: — Pois não, senhora dona Palmira! V. ex.ª manda! Pois não, senhora dona Palmira... O que não quero é vêr v. ex.ª doente...

VASCO SANT'ANA, mascarado de «Meu Menino»: — Vou para o Porto e tu não vais!

ALBERTO BARBOSA, de musico do «Jazz-bando»: — Não faz mal; fico cá a dirigir mais um negocio!

CORINA FREIRE, de ama de leite, depois da «Canção do Bêgo»: — E ninguém faia em mim, que andei tanto tempo a fazer Avenida sem entrar lá no teatro!

JOSÉ LOUREIRO, de imperador dos teatros: — Tu julgas que já me esqueci?

SALES RIBEIRO, de «Menino Bonito»: — Gostam da minha nova criação?

FILOMENA CASADO, de Eva, no Paraizo: — Lá menino és tu sempre; agora bonito, com esse nariz!...

JOSÉ DAVID, de revisteiro engenheiro: — Estou a escrever quatro revistas!...

XAVIER DE MAGALHAES, de Magriço, desembarcado do comboio de Queluz: — Estamos a escrever quatro revistas...

RAMADA CURTO, de illustre caudido: — Oh, Ferro, o que lá vai, lá vai!

ANTONIO FERRO, de illustre critico: — Isso ainda é piada! Não me bulam, que me ofendem...

AMELIA REY COLAÇO, de mes-

tre de obras do teatro Nacional: — Já me chamam uma «garota sem importância»!

ROBLES MONTEIRO, de emprezario desiludido: — Deixa falar! O que eles teem é inveja!

ALVES DA CUNHA, a romana, de Brutus: — Fiz agora a «Tragedia Rustica».

BERTA BIVAR, de Ophelia resignada: — E' mais uma!...

CRISTOVÃO AIRES, de Mata-Mouros: — E que tal as minhas criticas!

UM DOS AUTORES DO «XA' BI TUDO», de Madalena arrependida: — Muito bem, sr. Cristovão, muito bem! Agora leva tudo á ponta da espada!

LINO FERREIRA, de bom rapaz trabalhador: — Já açambarquei tudo!... Agora até escrevo para o cinema... mudo!

VASCO SEQUEIRA, de colaborador imprescindivel: — E não te lembraste de mim...

GOMES (da Trindade), de futuro comendador: — Já sabem que vou ter uma comenda!

MAURICIO DL OLIVEIRA, a marinheira: — Já ouvi falar nisso muito vagamente...

HORTENSE LUZ, de salão de Fanhões: — Isto vai mal! Isto vai mal!

MARIO POMBEIRO, de Borda d'Agua: — Melhor cara traga o dia de amanhã!

RAFAEL MARQUES, de «Martir do Calvario»: — Vou abandonar o teatro!

ILDA STICHINI, de ingenua dramatica: — Tu não arranjarás outro estribilho!...

SAMWEL DINIZ, de Principe João: — Quando voltaei a ser principe?

LUCINDA SIMÕES, de dama antiga: — Fala baixo; está ali o Chaby!

CARLOS ALVES, de microbio do

«Pato Marreco»: — Eu sou microbio, mas toda a gente me vê...

ALVARO PEREIRA, de «Senhor Pires»: — Eu cá, se te bato, é para teu bem!...

ZULMIRA MIRANDA, de Jadista: — Com uma guitarra nas «unhas», ninguém me leva a palma!

UM CHEFE DE «CLIQUE», ao natural: — Mas levas palmas!

HENRIQUE ALVES, de velho actor: — Nos tempos do D. Amélia!...

CARLOS SANTOS, tambem de velho actor: — Tristezas não pagas dividas!

REINALDO FERREIRA, de «Reporter X»: — Vou escrever mais peças que o Ramada Curto!

TODOS OS EMPREZARIOS, com as caras que Deus lhes deu, ao mesmo tempo: — Eu ponho-as em scena! Eu ponho-as em scena!

JOSÉ CLIMACO, de rosa de todo o ano: — Desta vez é que eu vou ao Brasil.

ELISA CARREIRA, de Rainha Santa: — Não fales antes de tempo!

AURA ABRANCHES, de ingenua alimentada a farinha Neslé: — Estou ai a escrever uma peça!...

PINTO GRIJO, de gabo: — Ai, Jesus!...

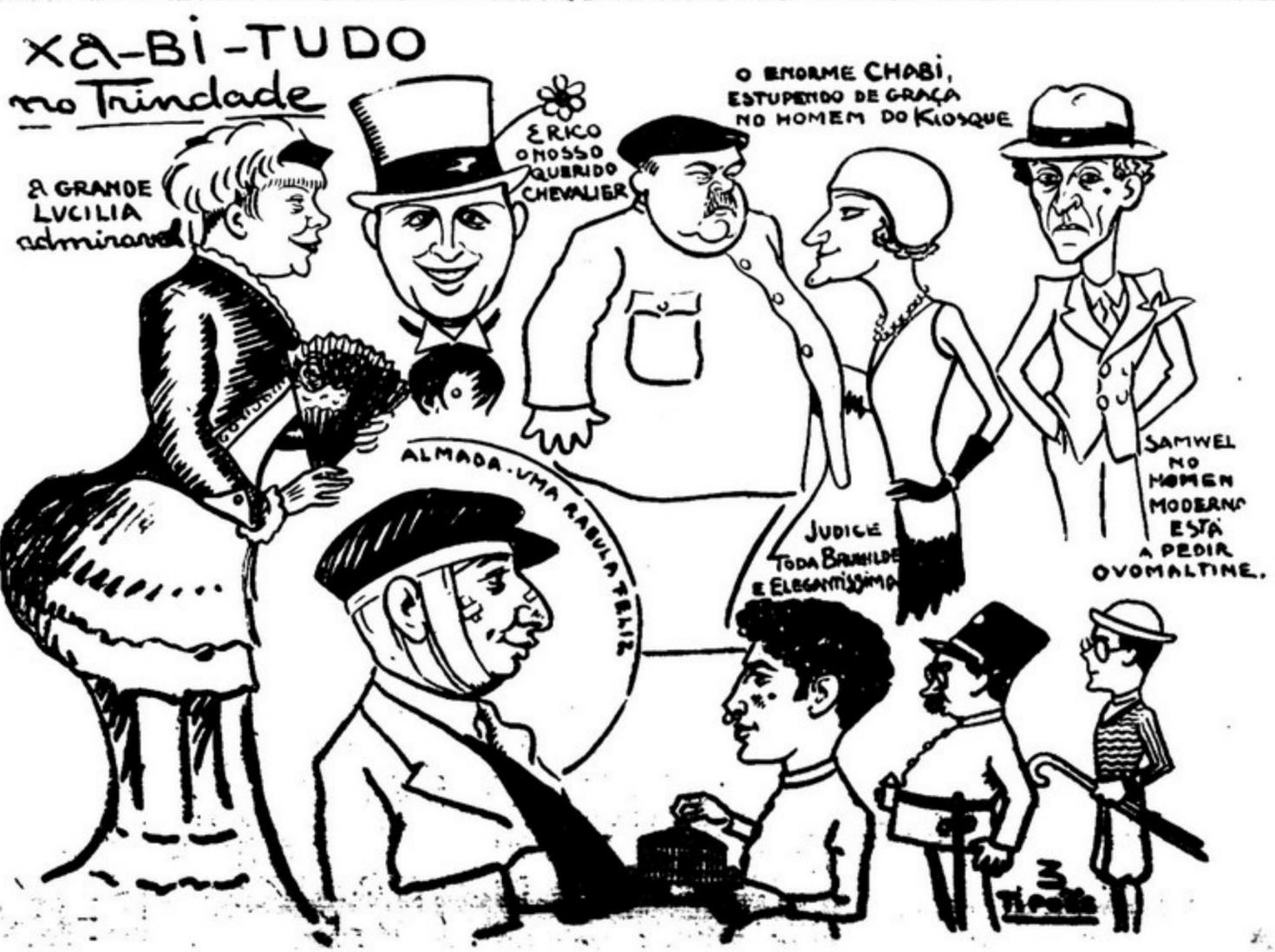
DELMIRO REGO, lendo: «Quase sua casaca de creado grave»: — Um telegrama para o colega Carlos Leal.

TODOS: — Leia! Leia!

CARLOS LEAL: — Pode ser!

DELMIRO REGO, lendo: «Quase seu amigo colega: delego em ti o encargo de abraçares todos os nossos camaradas. Para a vida e para a morte tua — Beatriz Costa».

CARLOS LEAL, com as lagrimas nos olhos: — «Ele ha tanta mulher, mas porque fantasia a uma de entre tantas a nossa simpatia distingue, escolhe e quer...»



Elevador da Glória

— Estou encantado com o meu automóvel! Consume sete litros nos cem quilómetros!

— Isso não é nada! Eu, quando ando a pé, necessito, pelo menos, um litro por quilómetro...

* * *

O pai: — O que terias tu feito, madraço, quando se ganhava a vida com o suor do rosto?

O filho: — Terias vendido lenços!...

* * *

A mulher: — Querido, gostava muito de ter cem mil réis!

O marido: — Querida, e eu também!...

* * *

No alfaiate:

— Quanto custa um sobretudo?

— Quinhentos mil réis!

— E um casaco?

— Duzentos!

— Pois, então, faça-me um casaco com a forma de sobretudo!

* * *

No comboio:

O marido: — Gostaste do abraço que dei quando passámos o túnel?

A mulher: — Gostei! Eras tu?...

* * *

O filho: — Mamã, dá-me «lê» bombons?

A mãe: — Não se diz «lê», mas três. Diz-me lá agora quantos quezes?

O filho: — Cinco!

* * *

Na barbearia:

O freguês: — Você hoje está muito feio! Faltava-lhe a fala?

O barbeiro: — Como hoje é domingo, descanço...

* * *

No golf:

Ela: — Que queres dizer «lê» quando não, António?

Ele: — Não sei, como é o primeiro dia que jogo o golf, ainda não sei os termos técnicos!...

* * *

— Leste a minha última novela?

— Não! E tu?...

* * *

— Que hei de fazer para me desembaraçar das pulgas que tenho?

— Envenena-lhes a comida!...

* * *

O marido: — Sim, mulher, em política sou reformista!

Ela: — Reformista?... Bom, mas a ti quem te reforma?

* * *

Primeiro de janeiro:

— Isso é demais! Tu queres outro chapéu e ainda ontem te compréi um?!

— Recorda, queridinho: esse é do ano passado...



— Porque choras?

— O teu marido já não quer ser meu amante.



— Dizem que o Ferreiro do Paço é o centro das finanças do país. Estou aqui: há duas horas e ainda não vi um tostão.

SENTENÇA BIZARRA

Matias Severo, ferreia-fornica severo até aos limites da avareza, era proprietário duma pequena, mas afegueada mercearia lá para os lados de Alcanitara. Defensor acerrimo do celibato, apesar dos grandes tagotes que, discretamente, lhe faziam as soneiras frequentadoras do afamado estabelecimento, algumas delas capazes de deixarem um homem ensopado, nunca o grande Matias se sentiu inclinado a seguir as ordenações do Deus Himeneu, porque, para ele, as mulheres eram todas umas doidas, umas vaidosas, umas burras baptizadas. Quem fosse tólo que as aturasse! Para burras, bem bastava o cuidado tormentoso que ele tinha com a «burra» de lata, abarrotada de boas notas de Banco e de valiosas moedas de ouro antigas, escondidas detraz da armacção, por baixo do cacifo do marconete. E' que aquela dinheirama tinha sido junta á custa da sua distincção no Curso Secreto de Falsificações Imperceptíveis, de muito trabalho, de muita poupança, até na papança, porque ele quasi não comia... para não perder tempo.

Os anos iam passando, a barriga da burra entumecendo. Como não ha gosto sem desgosto, o reumatismo ia tambem caprichando em torturá-lo, indicando-lhe a necessidade duma cura nas Caldas da Rainha. Mas ele preferia as Caldas do Alviela, tomadas em Alguidares Vidrados, á noite, ao deltar. Esta panaceia curativa não lograva, porém, debelar o seu mal. Pelo contrario, sentia-se cada vez mais enfraquecido e como que impotente para prosseguir na sua tarefa mercieiral.

Até que um dia, não teve remedio se não mandar vir da terra, para o ajudar, seu sobrinho, que andava pelos dezoito anos já feitos. Chamava-se Tinoco, mas não era óco de tino, porque em breve tempo estava conhecedor do complicado manejo das balanças, nas quais, em dado momento, havia um balanço em que o freguês ficava a perder, da composição especial do café, com bolota á mis-

tura, para acalmar o nervoso da clientela sempre recalcitrante, e da inofensiva adulteração da pimenta que, para não fazer mal á garganta, levava certa combinação de farinha de milho com fava torrada. Etc., etc.

O rapaz, que tinha sido sacristão lá na aldeia e era um nadinha religioso, revoltava-se, intimamente, contra todas aquelas mixordentas manipulações. Todavia, como alimentava o fito de herdar a «massa» ao tio, tudo fazia... por bem.

Certo dia, Matias Severo chamou o sobrinho de parte, ordenando-lhe que fosse comprar, a uma drogaria proxima, determinada porção de serradura e almagre. Toda a tarde levou Tinoco a matutar «p'ra que raio serviria aquilo». A' noite, depois da porta fechada, mandou o mercieiro estender uns papeis no chão e que, sobre eles, se despejasse a saca do pimentão doce. Em seguida, disse ao sobrinho que fosse buscar o que havia comprado no drogista. Deram começo áquella amalgamação químico-patusca, quando o rapaz lhe disse á queima-roupa:

— Com franqueza, tio, até sinto remorsos cá por dentro de fazer uma coisa destas. Isto com certeza não deve fazer bem ao interior dos fregueses!

— E que tem você com o interior de cada um?—respondeu o mixordeiro-chefe.— Ora o doutor da borra! Ao interior da loja vai você parar daqui a nada, com um pontapé que o racho.

— Pois olhe—retorquiu o «defensor» da massa consumidora— talvez seja por isso que o tio anda sempre doente. Sempre ouvi dizer que o dinheiro roubado não aproveita a ninguém.

— Vá lá ensinar o seu pai a andar de gatas. Que tal está o sardana, hein! Mas que grande moralista de sacristia que você me saiu! Pois fique sabendo, seu grandecíssimo palerma, que o dinheiro roubado, sendo bem governado, ha tanto com'o bem ganho!

BRAZ MENDES.

Dramaturgos

O meu particular amigo José Contente meteu-se a autor dramático e escreveu uma revista de colaboração com outros dois idealistas e, ao fim de quatro anos de trabalhos forçados, conseguiu colocar a revista num teatro de declamação, para ser representada durante os espectáculos de Carnaval.

Durante os ensaios desta famosa revista, e como ela estivesse um bocadinho longa, o ensaiador cortou-lhe uns numeros; depois, como era preciso meter para cima de duzentos e vinte quilos de bailarinos, a revista foi ainda mais cortada; depois, como havia alguns artistas que não sabiam os papeis, tiveram tambem que cortar esses numeros e, por diversos motivos imprevistos, a revista sofreu ainda mais alguns cortes.

Os ensaios continuaram o melhor possível. O José Contente e os outros autores andavam contentes, apesar da sua revista ter que lhes ser apresentada, porque depois de tantos cortes os bons dos autores já não a conheciam.

No dia do espectáculo, a revista foi um exito jamais registado em palcos portugueses. Os artistas sabiam não só os papeis que lhes competiam, como tambem os papeis dos colegas e resolveram por isso, para mostrar ao publico as suas admiraveis faculdades de memoria, trocaram os papeis e disseram o que pertencia aos outros.

O exito foi indescritivel. O publico delirava, mas houve a sorte de delirar para bem e não se registaram, portanto, desastres pessoais.

No dia seguinte, a critica—ah! a critica!—pronunciava-se o melhor possível, elogiando os autores e autores, emfim elogiando tudo.

Apenas um critico, que leva sempre tudo á ponta da espada, se fartou de dizer da peça o que Mafona não disse do toucinho.

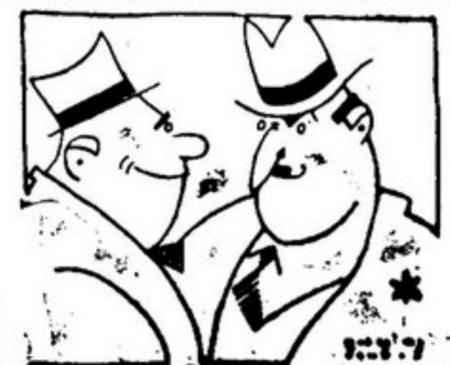
—Aqui Del-Rei!—gritava o critico.—A peça não presta. Nunca se viu coisa pior; não tem originalidade; os numeros já estão vistos e revistos; a peça não tem graça, e mais coisas que fariam corar um preto, se existisse coragem para se fardar de autor dramático.

O José Contente e os seus colaboradores, ao lerem aquela critica, ficaram espantados. Como podia ser, se esse mesmo critico tinha dito aos autores que as revistas de Carnaval não podiam ser julgadas pela critica porque já se sabe que para esta quadra se faz sempre uma coisa desprezenciosa, leve e propria para a epoca e que com certeza agradavam sempre?

Valeu aos autores não serem sanguineos, porque decerto teriam caído no chão com alguma congestão.

O pobre do José Contente é que, no entanto, vive satisfeito e não se importa com o critico porque, como o publico já está acostumado, não se importa.

HORACIO BISONHO.



— Qual a razão porque te quezes divorciar?
— Divorciar, não sabes porque?
— Não.
— Porque sou casado.

Cacharolete

Uma judiaria

Raquel, uma lindíssima judia,
E ativa como todas elas são,
Que é filha de Levy & C.
Casou por enormíssima paixão.

Viveram muito bem, até que um dia,
Não sei porque fortuita discussão,
O unido casal se divorcia
Mas, decide Raquel pedir perdão.

E aos pés do marido eis que se espoja,
Suplicante, a chorar, no pó se roja,
O que a mãe de Raquel muito reprova,

E lhe diz: — «Segue sempre os meus
conselhos:
Tu não tornes a pôr-te de joelhos,
De mais a mais, tendo uma sala
nova...»

A meu caminho

D. Lucia, que é senhora
Separada do marido,
Sendo, além de encantadora,
Viciosa jogadora,
Dizia a um seu conhecido:

— «O vicio torna-me vil!
E é vicio que não perdôa!...
Faço uma vida imbecil,
Sempre co'um pé no Estoril
E o outro posto em Lisboa!...»

Diz-lhe o rapaz, com ternura
E a vista já perturbada
Por tão grande formosura:
— «Quem me dera, nessa altura,
Poder estar na Cruz Quebrada...»

Que recomendação

«Foi ontem enviado para o Tri-
bunal, «O Custodio das Trazeiras»,
morador na Estrada dos Prazeres...»
«Diário de Notícias, 5-2-1931.»

Por quaisquer faltas ligadas,
Vai sofrer duros castigos
«O Custodio das Trazeiras»,
Que em suas festas caseiras
Leva aos Prazeres os amigos.

Com certeza não evita
Qualquer sentença cruel.
Quem tem, por sua desdita,
Um tal cartão de visita

JOAO FERNANDES.

Cinzas

Ha muito anos, desde que ha imprensa,
este dia de Cinzas se aproveitava,
para a gente dizer tudo o que pensa
da sociedade vil e imperfeita.

E' nesta quarta-feira que a verdade
tira o loup, a pintura ou a caraça
e tantas libertina sujidade
que como oiro de lei se afirma e passa.

— Olha aquele: é banqueiro, tem amantes,
possue doze automoveis, três chalets,
mas has de vér as Cinzas fumegantes
a apontar-lhe os martirios das galés

— Olha aquele politico famoso
que olha a turba com gesto triunfante
Como eu inda hei de rir, ebrio de goz,
quando o povo souber o que ele vale!

E quanta, quanta gente, na verdade,
nestes dias de Entrudo se mascara,
até que as Cinzas veem, sem piedade,
pôr-lhe a careca e mostra — e mais a cara!...

O HOMEM DOS TIMBALES.



— Diz-me querida; chegou a mi-
nha ultima hora, não é verda-
de?
— Não sei amor, o relógio está
parado.



— Dizem que o Terreiro do Paço é o centro dos vigaristas. Estou aqui ha uma hora e ainda ninguem me vigarizou.

BAILE DE MADAME X

Uma gentil amiga convidara-me
para assistir, naquela noite, ao bai-
le de Madame X.

Lá fui. Grave pecado da minha
vida que não conseguirei remir
com cinquenta «padre-nossos» de
penitencia.

De Madame X, viuva, dona de
uma regular fortuna e de uns
seios, senão descomunais, pelo
menos fora de moda, não se sabia
ao certo a idade.

E' feio, muito feio, tremenda
grosseria inquiri-lo duma mulher.
Mas a senhora X, pouco confia-
da talvez na delicadeza dos con-
vidados, apressou-se, quando menos
se esperava, a dizer que contava
apenas trinta e duas primaveras.

— Olhe que já é preciso não sa-
ber nada de contas — segredou-lhe
uma senhora.

Em boa verdade, a senhora X,
se soubera contar, confessaria já
ter passado a «casa dos quarenta»
— como soi dizer-se.

Isso não impedia, porém, que
fôsse uma mulher fresca, bonito
rosto e certa elegancia, apesar de
uma gordura mais que regular.

Dancei com ela. Deveres de con-
vidado, que me obrigaram: arras-
tar pela sala algumas arrobas de
peso, como se Deus me houvesse
fadado para grandes demonstra-
ções de força.

Foi o diabo!
A dona da casa, mostrando-se
encantada e gratíssima pelo meu
convite, começou a apresentar-me
a todas as «reliquias» do baile, a
todas as senhoras do seu tempo.

O certo é que não houve senho-
ra alentada, *ancien régime*, divo-
rciada ou em vespas de aposen-
tação, com quem, pela força das
circunstancias, eu não fôsse for-
çado a dançar.

Quasi insultava com os meus bo-
tões a amiga que me levara áquella
casa, pensando na melhor forma
de me descartar daquilo tudo.

Pretextei afazeres. E, com mi-
m e um cuidado, participei a Madame
X que me retirava.

— Qual quê?! Não, senhor. O se-
nhor não se vai embora. Era o que
faltava!

E voltando-se para as outras:

— Então não querem lá vêr?!
Queria retirar-se... Demais a mais
agora, que se vai servir a ceia.

— E' claro! Não deve sair. Nos
não deixamos! — exclamou uma
oxigenada viuva.

E tive de ficar. Talvez que o mal
abrandasse com uma ceia repara-
dora.

A' hora do repasto foi um ver-
dadeiro delirio para aquella gente.

Eu antegosava o prazer duns
croquettes regados com um copo
de bom vinho. Mas, quando conse-
gui chegar: sala, já as senhoras
todas rodeavam a mesa e comiam
com um apetite que me despertou
inveja.

Mas lá consegui, com imensos
trabalhos, aproximar-me dum pra-
to de *croquettes*. Com tanta infeli-
cidade, porém, que a dona da
casa ficou atrás de mim com o
grupo de amigas da sua predilec-
ção.

E é facil de calcular o que me
sucedeu. Primeiro tive de lhes pas-
sar o prato dos *croquettes*. Depois
as *sandwiches*. Depois o vinho. De-
pois os bolos, os *bombons*...

Um novo supplicio de Tantalo, co-
mo se eu tambem merecesse as fu-
rias, o castigo de Jupiter.

Em poucos minutos ficaram ape-
nas os pratos. Uma verdadeira rapina.

Olhei para aquilo tudo... e sai
da sala tal qual entrara: com o
estomago vazio.

Então não houve delicadeza que
me obrigasse a continuar no baile.
Despedi-me e sai.

Dias volvidos, encontrei a ami-
ga que me ferrara a «partida», in-
voluntaria, de me levar ao baile:

— Sabes uma coisa? — disse-me
ela. — Madame X está muito senti-
da contigo!

— Hom'essa! Porquê?
— Diz que não tinhas o direito
de tomar a ceia... e te retirares
logo em seguida!

LUIZ FIGUEIRA.

Graça dos outros

Entre amigos:

— Quando regressavamos com o
Joaquim do enterro da sua pobre
mulher, ele foi inesperadamente
ferido!

— E como foi isso?

— Caiu-lhe um tijolo sobre a ca-
beça, e o João, ao sentir-se ferido,
disse: «Graças a Deus, minha mu-
lher acaba de entrar no céu!»

No banco:

A *dactilografista*: — Sr. director,
sua filha quer dar-lhe um beijo
pelo telefone!

O *director*: — Agora estou muito
ocupado. Reciba-o que logo m'o
dará!...

O *millionario*: — De modo que
quer falar com minha filha? Que
dinheiro tem?

O *pretendente*: — Vinte contos!

O *millionario*: — Refiro-me ao
capital, não ao dinheiro que o se-
nhor traz no bolso...

— De modo que tu levas um gar-
fo da minha casa e dizes que foi
por engano?!...

— Claro que sim! Julgava que
era de prata...

No tribunal:

O *juiz*: — Onde é que conhecia
o seu cúmplice?

O *réu*: — Num café! Enumerou-
me todas as suas condenações!
Então, ganhei confiança e pu-
me ao serviço dele!...

O *avô*: — Tu comes muitos *bom-
bons*? Olha que depois fazem-te
mal!

O *neto*: — Sim... mas antes fa-
zem-me bem!...

Na pensão:

A *patrão*: — Então o senhor pre-
cisa de duas velas para lêr? Isso é
o que se chama estragar!

O *hospede*: — Está enganada! E'
a mesma vela cortada ao meio!...

Catecismo:

O *padre*: — De modo que o me-
nino nunca ouviu falar nos dez
mandamentos... Con'o te chamas?

O *rapaz*: — Moisés!

Entre amigas:

— Mas então é verdade que a
Maria tem um noivo secreto?

— Claro que é verdade! Comple-
tamente secreto. Ainda não t'o ti-
nha dito?...

A *mulher*: — Acredita, João, os
homens não sabem o que é a fe-
licidade antes de casar.

O *marido*: — Sim... Mas, então,
é demasiado tarde!...



— Como consegues ter as unhas
limpas?
— Olha é facil, ando sempre a
roer-las.

Um caso triste

Quando o electrico do Paço do Bispo chegou a Xabregas, local deserto e mal iluminado, foi subitamente invadido por uma legião de bandidos armados e envolvidos em balandras. Ao mesmo tempo que os passageiros ficavam aturdidos com a audacia dos dis os, uma voz forte uma voz de chefe, fez-se ouvir:

— Vamos ás joias e ás carteiras. Amordacem as mulheres e leve-nas para o palacio...

Alvorço geral; desmaios; mas ninguem se moveu. De repente, um homem velho, tipo de coronel reformado, correctamente vestido, levantou-se e dirigiu-se ao chefe da malta:

— O camarada, eu sou rico, sou mesmo pôdre de rico. Eu sou-lhe toda a minha fortuna, mas com uma condição: que, em troca da oferta, deixe ficar as mulheres intactas.

Houve sussurro. Luas varinas, lindas como os amôres, trocaram um olhar de inteligencia. Os homens nem tujiram nem mugiram... E o bandido, vacillante, respondeu, depois dum momento de reflexão:

— Aceito...

Mas ainda ele não havia terminado a frase, quando uma velhota, solteirona e nervosa, se levantou para esbofetear o velho. E a ple-nos pulmões gritava:

— Para que é que o senhor mete o nariz onde não é chamado? Deixem os homens cumprir as ordens do chefe...

Nesta altura, o carro, por milagre, pôs-se em andamento, dando motivo a que os bandidos se puzessem em fuga, não sem levarem, como refens, o pobre do velhote — que foi a *dezoito*...

Os passageiros, refeitos do susto, resolveram não pagar os bilhetes. Mas, como o condutor protestasse, houve, de novo, grosso borborinho.

A velhota levou por tabela um sopapo no trigémio. Todavia, ela, em lugar de chorar e de barafustar, a exemplo de tantas outras mulheres, limitou-se a beijar o agressor, dizendo-lhe ternamente:

— E' assim que eu gosto dum homem. Bate-me mais, porque me dá educação!

Eis, pois, relatado um caso verdadeiramente triste. Ou não?

IVINHO.

Sortes grandes ?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

TAC-TAC-TAC

Eu lhe digo, sr. Sampaio...

O director do *Diario de Lisboa* recebeu um bilhete, que publicou, em *écos*, no seu numero de 2 do corrente e começava assim:

«Ultimamente não sei bem porque, o peixe começou a ser levado para as praças muito tarde.»

Etc. Vinha assinado este alarmante comunicado por *Bernardino Sampaio*.

Antes de mais nada, sr. Sampaio, bonito nome que voscencia ostenta!

Bernardino é melodiosamente saudoso. Recorda-nos o «nosso Bernardino»... *Sampaio*... *Sam*: São; quer dizer — está em bom estado; está bem, muito obrigado. Finalmente, *paio*: — chega-m'o, de Reguengos ou de Campo Maior, vermelhusco e com bastante colorau... Ele é bem mau...

Que nome tão eficientemente evocativo!

Mas voltemos á vaca-fria, que, por sinal, é peixe retardado.

Pergunta o sr. Sampaio: — «Porque é que o peixe chega ás praças assim tão tarde?»... Sim! concordamos nós: — porque é?...

Indagámos dum fiscal, que passava na ocasião em que lérámos o aludido bilhete no exemplar em que o homem do talho nos em-brulhara meio quilo de fressura:

— O sr. fiscal, porque é que o peixe chega aqui assim tão tarde?

O fiscal ficou completamente coacto. Levou a dextra á fronte, coçou o sobrecello e exclamou:

— Sim, porquê?...

E desatou a correr, como um fogueté, para o gabinete da direcção do mercado:

— Sr. director! — chamou o fiscal da porta.

— Manifeste-se! — ordenou o superior.

— Porque é que o peixe chega á praça assim tão tarde?...

O director ergueu-se dum alto, esbugalhou os olhos e, fitando-nos sucessivamente, exclamou entre atônito e irrequieto:

— Sim porquê?...

E pondo o boné agalado:

— Vamos á Camara!

E lá fomos todos, a largos passos, para os Paços do Concelho.

— Está no pino?

— O sr. Quirino?

— Está no pino?! — perguntei absolutamente desorientado.

— Sim, no pino do trabalho. Quer dizer que não tem mãos a medir.

— Ora...

— Mêça as palavras! — intimou-me o continuo, interrompendo-me com brutalidade.

— Queremos falar-lhe. Eu sou o director da Praça da Figueira — disse o propriamente dito.

Quirino, que de dentro ouvira, appareceu á porta, com um enorme calhamaço na mão e sete secretários á volta.

— Que querendes? — interpelou com a devida compostura.

— Sr. Quirino, vossencia, que tudo lê, tudo crê, tudo atinge e tudo sabe, diga-nos lá porque é que o peixe chega á praça, agora, assim tão tarde?...

O calhamaço, caindo abruptamente das mãos de Quirino, esmigalhou um pé a um dos secretários.

Então, Quirino, livre do peso dos anos daquele velho *cronicon*, erguendo o olhar ao tecto apainelado, interrogou com expressão dolorida:

— Sim, porquê?...

E, sem tirar o guarda-pó nem pôr o chapéu, saiu porta fóra, direito á larga escadaria, que todos descemos atraz dele.

Foi um verdadeiro acontecimento. Por aquela rua do Arsenal, aos encontrões aos automoveis e ás carroças, sem fazer caso das buzinas nem dos sinaleiros, aquilo parecia uma verdadeira *Maratona*, direitinhos ao mercado do peixe.

Quando lá chegámos, já andavam a lavar e a varrer tudo; e o mercado ia a fechar.

— Onde está o director? — interrogou Quirino ao guarda.

— O sr. director, hoje, não veio.

— E o chefe dos fiscais?

— Esse foi-se embora logo que isto abriu.

— E o fiscal de serviço?

— Tambem já saiu.

— Raios de sorte! — exclamámos todos em côro.

— Mas o que desejavam saber vossorias? Talvez eu possa dizer alguma coisa...

— Olhe, — disse o sabio administrador do municipio, em nome de todos nós — queríamos saber porque é que o peixe, agora, aparece na praça tão tarde.

O guarda abanou a cabeça e respondeu:

— Olhem os senhores, eu não sei muito bem; mas estou em dizer que é do tempo. Isto agora, com este frio, toda a gente se levanta mais tarde...

CIRANO DE VELHOFRAC.

Mascaras...

I

Houve, em tempos, um senhor Cidadão, todo importante, Que afivelara o semblante De bondoso protector Dos humildes perseguidos Que sofrem por este mundo O espinho do mal profundo Que esgaça os desprotegidos...

Mas, se a varios protegia, Ha muito que se notava Que os rapagões distinguia Nas benesses que lançava Com fidalga bizzarria.

Ora, um dia, O *chauffeur*, que trabalhava Na casa do cidadão Despediu-se, de repente, Por uma estranha questão.

E, em ar escandalizado, Repetia a toda a gente, Que o escutava, pasmada, Que só fóra contratado

P'ra criador; Para *chauffeur*, tão sómente, P'ra motorista, e mais nada.

O melhor e o mais bonito E' o que, a seguir, saberão. Papeis: *Chauffeur* — *Zé do Egito* E a *Putifar*?... Já verão. Quem trazia de vista

O motorista... Não era a patrão, não... ...Era o patrão!

II

A um que se jactava de ter credito onde só tinha dívidas).

Não serves p'ra fiador Porque já ninguem te fia, A ti, tão mau pagador, Que és um velho devedor Que nunca se pôs em dia.

Se não te fia ninguem, Em ti não me fio eu, Que, hoje, não queria nem Ir contigo para o céu!

E, como algo podes ser, Mas fiador não és tu, O melhor será meter Essa fiança no... no... (1)

INFAUSTO ZINHO.

(1) Que raio! Falta-me a rima...

Quer a sorte grande? Habilita-se na tabacaria MADRID Rua do Mundo. 115



— Porque choras Zé?
— Morreu um irmão da irmã do meu irmão!



— Então a tua porca teve um filho.
— Não. Foi a porca da minha mulher.



Novela futurista

Num laboratorio quimico de uma grande fabrica. O inventor, a sua mulher e o electricista.

Ela: — Vou ser mãe...

Ele: — Explica-me a razão scientifica desse fenomeno.

Ela: — Não te posso dizer. A alma não pode falar á maquina.

Ele: — Diz-me como poudes formar-se o teu filho.

Ela: — Terás talvez razão. Ha cinco anos que tu não és meu marido. As maquinas roubaram-te ao meu amor. Se as minhas lagrimas de desgosto fossem gotas de oleo, se os meus beijos soubessem a gazolina! Ah! Como tu serias o meu eterno amante. Se eu pudesse transformar-me numa helice! A's vezes, nos meus delirios de amor, assalta-me a louca ideia de me deixar triturar pelas rodas dentadas de uma grande maquina, para que tu me sentisses, a carne e o sangue transformados em oleo e ferrugem.

Ele: — Que dizes?! Tu?! Tu sentiste esse desejo alguma vez? Fala! Será possivel? O meu sonho!... O meu grande sonho, talvez realizado!...

Ela: — Dize o que era teu sonho.

Ele: — Descobri a alma do motor, dar alma á maquina e a maquina produzir a vida... Ah! Quem sabe! Se o motor me possui durante cinco anos, não poderá o seu ritmo misterioso possuir uma mulher?...

Ela: — Cala-te! Tenho medo! Tenho medo da verdade! Escuta. Ultimamente, o cheiro dos oleos perturbava-me, como se lê que nos seculos passados um beijo conduzia á paixão!...

Ele: — O meu sonho! Quem sabe... Fala!

Ela: — Vou dizer-te a verdade. Tambem eu, ha cinco anos, em segredo, procurei estudar a alma do motor, porque era ali que tu te encontravas. O movimento do embolo lembrava-me um abraço louco, vertiginoso. Aprendi a encontrar não sei que estranha volupia junto das maquinas. Um dia caí, com um espasmo violento. O motor, o embolo, não sei que perturbação levaram ao meu coração inflamado. Perdi os sentidos. Quando dei por mim, estava na cabine do electricista. Dois meses depois, sentia-me mãe. Adivinhou que será uma menina!

Ele: — O meu sonho! Emfim! Ela será a filha do motor. (Entra o electricista).

O electricista: — Sr. engenheiro. Aconteceu uma grande desgraça. Acabo de saber que ficaram sem o motor da fabrica de...

O engenheiro (num soluço): — Orfã! Coitadinha! Orfã!...

O electricista (convicto): — Não! A creança não ha de ficar sem pai!...

EDUARDO FRIAS.



—Mas que grande fumarada. E eu que soffro dos pulmões!

BARBEIE-SE COM LAMINAS



As de mais fina tempera

DESSPORTOS

A DIRECÇÃO?

— Está bem... fica!

Passel uma quinzena a meditar Naquela reunião. Toda a gente supunha que ia ao ar Aquela direcção. Mas afinal não foi. O mundo é justo E a multidão contraria foi vencida. Tendo apanhado previamente um susto.

Um susto e uma corrida. «Casa oxde o pão não existe Anda tudo sempre triste, Quando não anda á pancada», Diz um dictado já velho. O Bemfica é como um espelho Desta velha piada. Daqueles vermelhos terríveis Que adoram os invencíveis Não sei se ficou algum. Isto já vem dos antigos. «Se ganhas tens mil amigos, Se perdes não tens nenhum». Como o pobre Bemfica começasse

A perder sem cessar, E em má situação se collocasse, A malta começou a protestar. E ha no protesto da malta Um tão grande contrasenso, Que eu noto uma grande falta: A falta de algum bom senso. Manel! Os meus paratens. Mostraste o valor que tens. Embora encadernador. Tranfaste, felizmente. E venceste muita gente Que tem carta de doutor. ...Toda a gente supunha que ia ao ar Aquela direcção. Mas afinal não foi. O mundo é justo E a multidão contraria foi vencida. Tendo apanhado previamente um susto.

Um susto e uma corrida.

JOSÉ MARIA.

A pás! na bola

Apesar do character humoristico do nosso jornal, não podemos deixar de assinalar o acontecimento desportivo da semana, no campo do foot-ball: — as pazes feitas entre alguns dos mais graduados componentes do jogo do pontapé.

O sr. Ribeiro Reis, do Bemfica, reconciliou-se com o sr. Cosme Damião, do Internacional, e fez as pazes, para a vida e para a morte do desporto, com o comandante Antonio Maria da Silva Ribeiro, «apoderado» dos Belenenses.

O sr. dr. Salazar Carreira tambem entrou em conciliação com o sr. Maia Loureiro, um e outro leões domesticados.

E os srs. Avila de Melo e Manoel Afonso Henriques, ambos vermelhos de comoção, deram-se tréguas, por um espaço infinito de tempo perdido.

A estas reconciliações, que foram sugeridas pelo discurso radiofonico do Papa, presidiu, como é ao natural ou á espanhola — de onde nos veem estes exemplos — o director do «União», que pôs em pratica a simbolica do titulo do velho e glorioso club de Santo Amaro-Belem, ou, se quizerem, e conforme os horarios, Santo Amaro-Bemfica, Santo Amaro-Alcantara, Santo Amaro-Campo Grande.

Como o discurso do Pontifice romano foi em latim, atribui-se a isso a facilidade com que aqueies «azes» da discordia foot-ballistica — e outros de que por enquanto não reza a historia — aceitaram a pontifical indicação. Foram levados «á certa».

O sr. Candido de Oliveira, que nestas coisas da bola é uma especie de Cardeal-Diabo em Casa — selou as concordias e prometeu não arranjar mais carlhos até á proxima assembleia geral, finda a qual, tranquillo com a sua consciencia, regressará á Braga, por...

O sr. Oliveira Duarte Nunó, considerando que a Paz está no seu

nome de ramo de «oliveira», atirado para as situações pela força centrifuga das circunstancias, tambem aceitou a mediação que as Associações Industrial, Comercial e Central da Agricultura de Lisboa levaram a cabo, no sentido de que entre a Associação de Lisboa e a Federação Nacional nunca mais possam subsistir conflitos de maus principios, visto que de bons fins nunca ninguém supôs que se tratava.

Com estas garantias todas, é natural que o sr. Vergilio da Fonseca já não seja preciso no Bemfica.

O Chelinhos e o Carcavelenses seguem estas coisas todas com um grande interesse, e pelo «bom successo» da pacificação, o Casa-Pia resolveu emfim consentir que os desafios em que toma parte cheguem ao fim.

O sr. Luis de Moura, capitão dos Belenenses e governador de Cesar, dando uma grande prova da sua generosidade, resolveu tambem celebrar o festivo acontecimento conciliador, nunca mais mandando reprender nem castigar o mesmo César, que, como é do dominio publico, tem sido uma vitima da autoridade.

Estas coisas todas tem provocado tamanho regosijo que o sr. Cosme Damião está a organizar um grupo para ir jogar ao Brasil, não de smoking, mas de tanga, por causa do amadorismo.

O Bemfica tambem, para a Páscoa, resolveu ir outra vez a Barcelona, com o sr. Vitor Gonçalves a tocar gaita no combolo, podendo o jogador sr. Guedes comer as bananas que quizer, para o que o sr. Manoel Afonso deu já a indispensavel licença do seu Barão Ofoclo.

Finalmente, e esta é a conclusão da noticia, a paz da bola está feita, e vossas excellencias todos tenham a bondade de ir pondó e corpo no seguro.

DIAS AMADO.

Prosa de Cha-Velho

«Gaona — conta Dekobra nas suas cronicas mexicanas para Le Journal — é alcunhado o «Kalifa» e um dos personagens mais em fôco no Mexico. É um indio puro, nascido em Leão, no Estado de Guanajalo, ao norte da capital do Mexico. Com mate, chapéu côr de perola, com um fato que parece vindo de Bond-Street, abandonou este indio a arena aos quarenta anos — para cair de pé.

Mas Rodolfo Gaona não tem medo. Uma noite, bebia num cabaret com três amigos. Pela madrugada, voltou-se para os amigos e disse com ar aborrecido:

— Não acham que os frequentadores desta casa são antipaticos?

Os amigos concordaram e Gaona, levantando-se, pediu aos assistentes que se fossem embora porque lhe eram antipaticos. Aludidos quizeram protestar, mas Gaona tirou da algibeira um revolver niquelado e, com o dedo no gatilho disse:

— Dou-lhes trinta segundos para saírem!

Sairam os ameaçados e, quando o cabaret ficou deserto, passou Gaona a dizer aos seus amigos:

— Agora, que já aqui não ha ninguém, o melhor é irmo-nos embora.

E saiu, muito cumprimentado pelo assustado proprietario do cabaret.

Scenas como estas — diz Dekobra — são vulgares no Mexico e chegam a tomar proporções dramaticas, a que, aliás, não se dá importancia. A vida humana não vale no Mexico um caracol, como se verifica na seguinte historia, occorrida durante uma das ultimas revoluções e quando determinado revolucionario, soffrendo de dores de cabeça, pediu aspirina a um general seu amigo.

— Aspirina, não tenho; mas eu vou curar-te num instante.

E puchando do revolver, desfez a cabeça do amigo.

Desde então, passou este trágico «amigo» a ser conhecido por «General Aspirina».

E Dekobra termina assim: «O Mexico é um país admiravel. Nós, velhos europeus, «coca-bichinhos» e formalistas, pasmamos de soluções tão simples e tão logicas. Gloria ao Mexico, terra de sol e perfumada, que traz ainda um pouco de imprevisto ás nossas vidas tão mornas e cinzentas. Honra ao Mexico, onde se dança um perpetuo «shummy», entre a vida e a morte.»

Pela tradução,

PEREZ LA CHAISE.

Ora viva meu amigo...
Onde vai com essa pressa?...
— Eu lhe digo e não se esqueça
Ou melhor, venha comigo;
Descance que não há prigo,
Vão lá mais sem sermos nós
A' rua Barros Queirós,
Vinte e sete por sinal
A' Ginginha divina!
Beber um copo e outro apôz.

R. Barros Queirós, 27
LISBOA

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

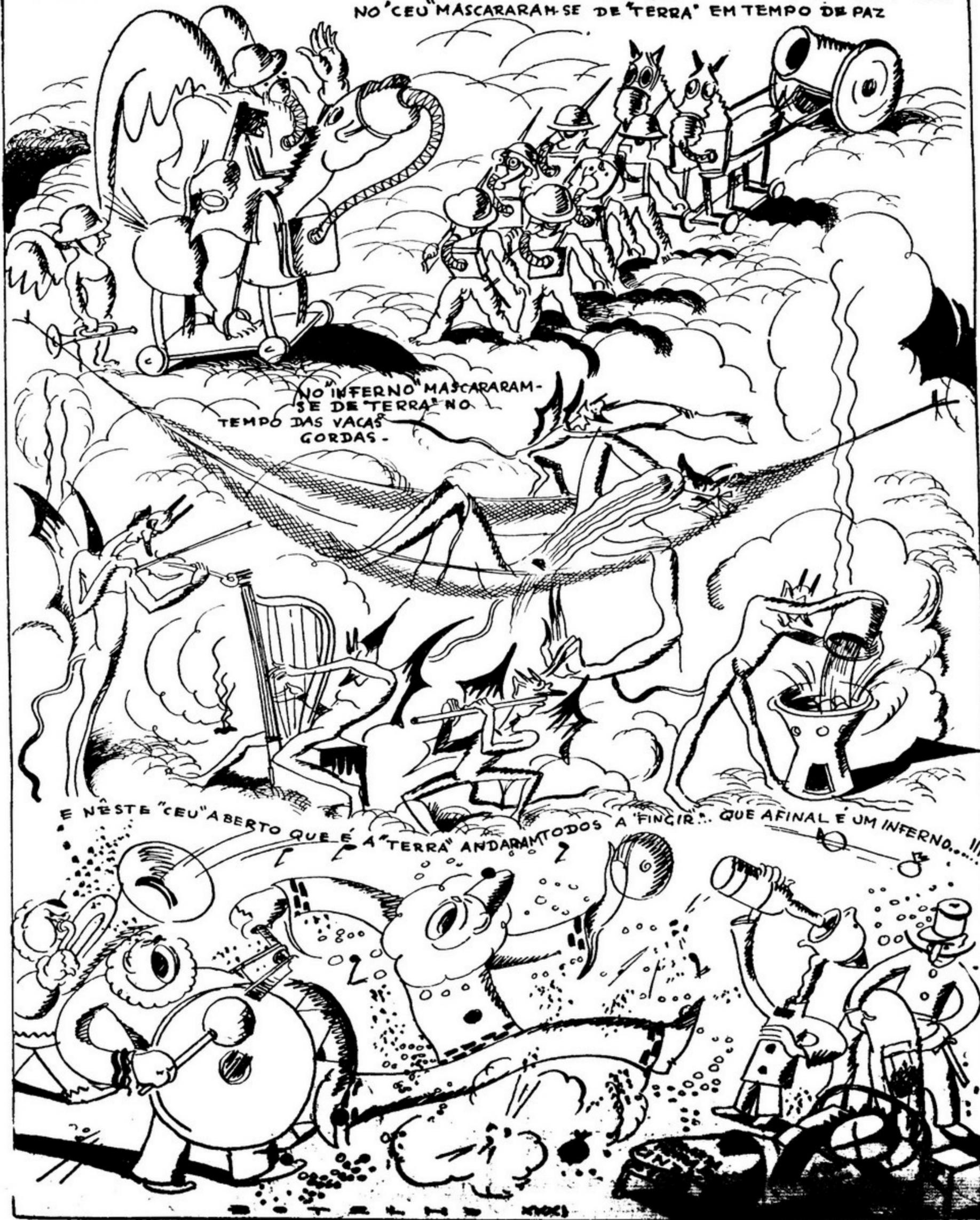
Rua do Impero, 11 — LISBOA

Sempre sortes grandes

ECOS DA SEMANA

RESCALDO DO CARNAVAL UNIVERSAL

NO 'CEU' MASCARARAM-SE DE 'TERRA' EM TEMPO DE PAZ



NO 'INFERNO' MASCARARAM-SE DE 'TERRA' NO TEMPO DAS VACAS GORDAS.

E NESTE 'CEU' ABERTO QUE É A 'TERRA' ANDARAM TODOS A 'FINGIR'... QUE AFINAL É UM INFERNO...!!!

MIRO